



DOI: <https://doi.org/10.58871/consames.v2.11>

**QUIMERA OU COSMOCONSCIÊNCIA?
REFLEXÕES SOBRE A OFICINA EXPERIMENTAL DE CINEMA DIGITAL
DO CENTRO DE CONVIVÊNCIA E CULTURA DE TABOÃO DA SERRA - SP**

**CHIMERA OR COSMOCONSCIOUSNESS?
REFLECTIONS ABOUT THE DIGITAL CINEMA EXPERIMENTAL WORKSHOP
OF THE CENTER FOR COEXISTENCE AND CULTURE OF
TABOÃO DA SERRA - SP**

RENATO GUENTHER

Psicólogo Clínico
autoestimaresponsavel@gmail.com

Objetivo: O presente artigo visa descrever parte da jornada da Oficina Experimental de Cinema Digital do Centro de Convivência e Cultura de Taboão da Serra - SP e refletir sobre as peculiaridades e potencialidades das experiências de arte e cultura em equipamentos públicos de saúde mental como recursos para expansão de consciência e re-significação das realidades. **Metodologia:** Apresenta resumidamente a operacionalização das Oficinas de Cinema do CECO Taboão. **Resultado:** Reflete os efeitos das oficinas e seu potencial como instrumento de expansão de consciência. **Considerações finais:** Traça um paralelo poético entre os efeitos da oficina e o fenômeno de cosmoconsciência.

PALAVRAS-CHAVE: CECCO. Saúde Mental. Cinema. Consciência Cósmica.

Objective: This article aims to describe part of the journey of the Digital Cinema Experimental Workshop Of the Center for Coexistence and Culture of Taboão da Serra – SP and to reflect about the peculiarities and potentialities of art and culture experiences in public mental health equipments as resources for the expansion of awareness and re-signification of the realities. **Methodology:** Briefly presents the operationalization of the CECO Taboão Film Workshops. **Result:** Reflects the effects of the workshops and their potential as instruments for expanding consciousness. **Final considerations:** Draws a poetic parallel between the workshop's effects and the phenomenon of cosmoconsciousness.

KEYWORDS: CECCO. Mental Health. Cinema. Cosmic Consciousness.

1. INTRODUÇÃO

O cinema é uma arte grupal em sua gênese (MASCARELO, 2006) e só se faz possível numa prática coletiva, pois exige trabalho em equipe, onde todos os componentes são de fundamental importância.

Atuação, cenografia, fotografia, música, edição, entre outros recursos, se mesclam na



obra final que se convencionou chamar de filme (ARONOVICH, 2014). O próprio cinema, como arte e produção estética, se mostra uma quimera ao reunir aspectos de diferentes artes antecessoras, permitindo a captação e expressão em som e imagens do cotidiano, dos sonhos e potencial criativo do ser humano.

“Quando o filme foi apresentado ao grande público, a reprodução da imagem não era propriamente uma novidade. A fotografia já havia surgido e muitas pesquisas eram feitas em torno da possibilidade de reproduzir seqüências de ações. Inicialmente, a principal atração era essa: ver como os movimentos humanos se desenrolavam frente à câmera. Por isso, podemos dizer que o cinema começou como um teatro filmado e procurava recuperar os temas comuns do cotidiano da diversão popular (...)

Nesse processo de criação, não podemos deixar de citar os nomes de Thomas Edison e dos irmãos Louis e Auguste Lumière. O primeiro foi responsável pela introdução do 6 quinetoscópio, máquina de projeção individual de filmes precursora da exibição coletiva inaugurada pelos franceses. Os Lumière empreenderam uma importante elaboração da linguagem cinematográfica. Usavam o cinematógrafo, uma câmera mais leve movida à manivela, que permitia uma liberdade maior na captação das imagens. O ambiente filmado não era mais o estúdio. Cenas da vida cotidiana marcadas pela preocupação de captar o “real”, ou o mais próximo dele, e de conferir a maior naturalidade possível ao objeto reproduzido. Nesse momento, o cinema tem um forte caráter de experimentação científica, apesar de já acenar para seu potencial comercial, com as primeiras sessões públicas pagas em Paris, no ano de 1895, realizadas pelos irmãos franceses.

Dentro desse cinema, também havia espaço para as chamadas atualidades, isto é, cenas de fatos do dia-a-dia, muitas vezes de interesse jornalístico, que representavam a correria da vida moderna (...)” (LIMA, 2006, p. 5 e 6)

Os Centros de Convivência e Cultura surgiram junto aos movimentos de reforma na saúde mental como alternativa ao encarceramento, compondo a Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde como espaço para tratamento e inclusão social.

“I - Os Centros de Convivência e Cultura são dispositivos públicos componentes da rede de atenção substitutiva em saúde mental, onde são oferecidos às pessoas com transtornos mentais espaços de sociabilidade, produção e intervenção na cidade;

II - Os Centros de Convivência e Cultura, através da construção de espaços de convívio e sustentação das diferenças na comunidade e em variados espaços da cidade, facilitam a construção de laços sociais e inclusão da pessoa com transtornos mentais;

III - A clientela dos Centros de Convivência e Cultura é composta, sobretudo, de pessoas com transtornos mentais severos e persistentes. As oficinas e atividades coletivas são o eixo dos Centros de Convivência e Cultura, facilitando o convívio, a troca e a construção de laços sociais;” (BRASIL, Portaria SAS/MS Nº 396, 2005. Seção 1, p.60-61)

O Centro de Convivência e Cultura de Taboão da Serra é um dos Centros de Convivência do Município, criado em agosto de 1995 e reavaliado a partir da Portaria nº 396, em 2005, com a finalidade de humanização do atendimento ao portador de transtorno mental, promoção de saúde e integração social. Aberto à comunidade, fica dentro do Parque das Hortências, na Praça Miguel Ortega no. 500, em Taboão da Serra (SP). Atende com equipe multidisciplinar, oferecendo oficinas nas áreas de arte, cultura, esporte e saúde, além de



acolhimento técnico, de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h, primando pela participação, convivência e interação da sociedade como um todo, sendo um espaço de promoção de saúde e encontro humano, com circulação do poder e da palavra (BLOG DO CECO TABOÃO, 2010).

Neste espaço ocorreu a Oficina Experimental de Cinema Digital, da qual este artigo discorrera resumidamente, refletindo sobre seu potencial aglutinador e transformador, e traçando um pretenso paralelo entre seus efeitos e o fenômeno máximo de expansão de consciência denominado cosmoconsciência.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, que aborda a Oficina Experimental de Cinema Digital do Centro de Convivência e Cultura de Taboão da Serra (CECO Taboão).

Uma iniciativa do psicólogo Renato Guenther, acolhida pela equipe multiprofissional, pela coordenação e pelos usuários do Ceco Taboão, a oficina existiu entre 2009 e 2017, com a proposta de familiarizar os participantes ao uso das técnicas e tecnologias que envolvem a produção do cinema digital e permitir a expressão de seus anseios, sentimentos e perspectivas através da confecção conjunta de filmes de curta-metragem em vídeo digital, passando por todas as etapas que envolvem o processo. Em paralelo, eram estudados e discutidos a história do cinema no Brasil e no mundo, os vários tipos de cinema, e ainda exercitadas uma série de habilidades, desde criatividade, foco, atenção, organização, até comunicação, expressão corporal e principalmente convivência em grupo (FONSECA; GUENTHER, 2016).

Os encontros aconteciam as terças-feiras, entre 14h e 16h30. A cada ano, durante as reuniões do primeiro semestre, eram discutidos temas de relevância para os participantes, quando estudávamos gêneros e estilos de linguagem a partir dos interesses do grupo e da história que queriam contar. Seleccionávamos trechos de filmes, produções de audiovisual, livros e histórias em quadrinhos para referências de arte, enquadramento, linguagem e estilo. Em conjunto escrevíamos o roteiro, dividíamos a equipe entre atores, atrizes, assistentes de direção e produção, equipe de som, arte e figurino. Eram feitos ensaios e marcações no cenário que sempre partiam das possibilidades oferecidas pela estrutura do CECO Taboão. Programávamos os últimos 4 ou 5 encontros do semestre para as gravações.

O equipamento e o trabalho de captação de sons e imagens ficava a cargo da Escola de Cinema do então Latin American Film Institute (LATIN AMERICAN FILM INSTITUTE, 2016). A partir da parceria voluntária com esta instituição promovemos o intercâmbio de



conhecimentos e perspectivas. Em troca, oferecemos a certificação na experiência voluntária aos profissionais e estudantes da instituição que se dispuseram a apoiar o projeto. Montagem e edição ficavam a cargo do oficinairo.

“IX - Os Centros de Convivência e Cultura devem ser estimulados a realizar parcerias com associações, órgãos públicos, fundações, ONG, empresas ou outras entidades, para captação de recursos financeiros ou equipamentos, realização de oficinas, troca de informações ou saberes, entre outras ações;” (BRASIL, Portaria SAS/MS Nº 396, 2005. Seção 1, p.60-61)

Em parceria com outros setores e secretarias do município eram produzidas cópias da obra finalizada em DVD e distribuídas entre todos os participantes. E os filmes e cenas dos bastidores permanecem atualmente disponíveis ao público na plataforma de vídeos You Tube através do canal do CECO Taboão (CECO Taboão).

Ao longo do segundo semestre os encontros se resumiam a sessões de projeções de filmes variados, com pipoca, seguidos de debates. Além disso, promovemos e participamos de mostras e eventos culturais, concursos, simpósios e congressos.

3. RESULTADOS

Em oito anos, nasceram oito produções de curta-metragem em vídeo digital:

- “Cheirando a confusão” (2017)
- “Hospital da Alegria” (2015)
- “E o quitandeiro... pirou” (2014)
- “O verdadeiro encontro” (2013)
- “Bolacha e refri” (2012)
- “O homem apaixonado” (2011)
- “Buscando a felicidade” (2010)
- “As crianças no parque” (2009)

Veiculadas em concursos e festivais culturais, divulgados também pelo blog da oficina (<https://cinececo.blogspot.com>), chegaram a diversos Estados e municípios, contemplados com prêmios e menções honrosas. Das conquistas:

- Projeto contemplado com o V Prêmio David Capistrano no XXIX Congresso de Secretários Municipais de Saúde do Estado de SP em 2015;

- Filme "E o Quitandeiro Pirou!", contemplado com o 2o lugar na categoria C (usuário e equipe interprofissional com participação de psicólogo) do Prêmio Inclusão Social do Conselho Federal de Psicologia em Brasília, DF, em 2016;



- Filme "O Verdadeiro Encontro", selecionado para o 5º Troféu Graça Aranha de Cinema Amador do Colégio Civitatis em 2014. Selecionado para o CINEPICOS - Festival Nacional de Cinema do Centro Sul do Piauí em 2014. Contemplado na categoria vídeo do VII prêmio Arthur Bispo do Rosário celebrado pelo Conselho Regional de Psicologia de SP em 2014;
- Filme "Buscando a Felicidade", contemplado com o 3o lugar na categoria vídeo do VI prêmio Arthur Bispo do Rosário celebrado pelo Conselho Regional de Psicologia de SP em 2011;
- Projeto selecionado para o 3o Fórum de Direitos Humanos e Saúde Mental em, Florianópolis, SC, 2017;
- Projeto selecionado para o 5o Congresso Brasileiro de Saúde Mental, SP, 2016
- Artigo sobre o projeto publicado no Boletim do Instituto de Saúde vol. 16, 2015;
- Selecionado para o VI SIMPOSIO DE SAÚDE COLETIVA E SAÚDE MENTAL, MG, 2015;
- Selecionado para o XII Encontro Catarinense de Saúde Mental, 2015;
- Selecionado para o ABRASCÃO - Encontro Brasileiro de Saúde Coletiva, GO, 2015;
- Selecionado para a IV Mostra Nacional de Experiências em Atenção Básica e Saúde da Família, Brasília, DF, 2014.

Ao longo da experiência, conquistaram-se aliados e admiradores através da candura e do encanto inerentes ao projeto e ao passo que surgiram os resultados. Porém, a maior realização se fez na franca constatação dos progressos cotidianos dos participantes à medida que se demonstravam capazes de expressar e materializar seus anseios. Essa constatação se faz pelo relato dos próprios protagonistas, familiares e colaboradores, oportunamente registrado pelo programa Canal Saúde na Estrada da Fiocruz (CANAL SAÚDE NA ESTRADA, 2016). No episódio em questão, assistimos o relato de J. A. S. sobre seus irmão: “Meu irmão sequer tinha condições de se comunicar com as pessoas, de olhar para as pessoas nos olhos, tinha uma vergonha imensa, se sentia menosprezado, inútil, tinha forte depressão...”. O citado irmão, no entanto, participou de todas as produções, algumas como protagonista, e representou pessoalmente a oficina em Brasília (DF), por ocasião do Prêmio Inclusão Social do Conselho Federal de Psicologia, em 2016 (PRÊMIO..., 2016).

Ao se reconhecerem autores, capazes de criar algo conjuntamente e perceber seu trabalho projetado e contemplado por diferentes audiências, surgiram sentimentos de valor próprio, pertencimento e maior integração social, o que colaborou para a promoção de saúde



como um todo.

“(...) Em outras palavras, inventar seria aqui nada mais que um ato de criar demandas de participação ativa no outro e, com isso, conseguir obturar de alguma maneira as faltas surgidas; faltas que alias são constitutivas do ser humano, embora muitas vezes as vejamos sob as carapaças da incapacidade cognitiva e do delírio, ou de toda a impossibilidade, imputada ao outro, de ver e ouvir e falar, experiências humanas que não são outra coisa que a própria produção do si mesmo.”(DIONISIO; YASUI, 2012, p. 64)

Mas não só os usuários dos serviços de saúde mental do município se beneficiaram. Percebemos também o processo de sensibilização que ocorreu com os profissionais, técnicos e voluntários que se doaram ao projeto. Também as diferentes audiências que tem oportunidade de conhecer esse trabalho tendem a se comover com o tema da inclusão social do diferente através da arte. De fato percebemos um processo de questionamento e conscientização a cerca das fronteiras que delimitam arte e saúde, público e privado, o são e o insano.

Assim como o cinema, esta oficina nasceu marcada por hibridismos. Constituindo um fenômeno que carregou em si características distintas de diferentes espécies. Produto da arte e das linguagens estéticas, encubada por um equipamento de saúde pública municipal, mas em parceria com uma instituição de ensino particular. Mesclando formas, conteúdos, histórias e pessoas em prol do objetivo comum de materializar sonhos.

Quimera, não como o monstro da mitologia grega, parte leão, parte cabra, parte serpente, que cuspiam fogo e aterrorizava aldeões (BRANDÃO, 1987). Uma anomalia, produto incidental da necessidade de dar voz aos inoportunos e da carência de recursos e condições.

Sonho que se sonha junto (SEIXAS, 1974), transpassou fronteiras, mostrando-se forte como a realidade.

No CECO Taboão, cada filme produzido era uma gestação coletiva. Durante a criação de roteiro, personagens e cenários, cada participante colaborava a seu modo, respeitado em suas limitações e estimulado em suas habilidades, de modo que ao final não se podia atribuir o filho a um único pai.

Quanto aos recursos utilizados, partíamos inicialmente das disposições do equipamento público municipal. Mas cada participante acabava colaborando, trazendo peças do próprio guarda-roupas para compor o figurino ou da própria moradia para compor o cenário. Muitas vezes aproveitamos sucata ou objetos desprezados por outros, fazendo o melhor uso possível do que tínhamos, alinhando as possibilidades de cada indivíduo com o tempo, espaço e até as condições climáticas disponíveis.

Inicialmente, quando Nise da Silveira fez uso da arte em asilos manicomiais, também sua ousadia e inovação foram vistas com incredulidade (BERLINER, 2016). Diante de tanto



ardor e dedicação, enfrentando tantas limitações das mais diversas ordens, fica claro que não se tratou de algo fácil. Mas se fez imprescindível perceber cada produção como algo lúdico, divertido: causa e consequência da necessidade humana de convivência em grupo.

Assim, alguns eixos fundamentais se delinearam:

- Binômio Arte e Saúde
- Parcerias público/privadas
- Gestações grupais
- Eficiência : “fazemos o melhor com o que temos”
- Diversão : “se não for gostoso não vale a pena”
- Inclusão

Mas se esta oficina não se compôs de meros retalhos ao modo dum monstro como fez o personagem de Mery Sheley no romance Frankenstein (ARAUJO, 2016), o que fermentou seu trabalho?

Segundo Vieira, cosmoconsciência é a condição ou percepção interior da consciência do Cosmos, quando a consciência sente a presença viva do Universo e se torna una com ele (VIEIRA, 1999). O termo é um neologismo para uma condição descrita anteriormente por outro ilustre acadêmico: Richard Maurice Bucke.

Bucke foi, entre outras ocupações, psiquiatra e dirigente de asilos para insanos no Canadá, nos idos de 1870. Reformista e inovador no tratamento de alienados, nutria estreita admiração pelo poeta americano Walt Whitman, de quem foi amigo e biógrafo (HARRISON, 1990).

Em 1901 teria publicado sua grande obra, “Consciência Cósmica” em que trata do fenômeno ímpar que deu nome a seu livro.

Falando de maneira simplista, o fenômeno consistiria numa espécie de expansão de percepção e entendimento, aliado a manifestações físicas bastante marcantes. O estado máximo de consciência do ser humano em que ressignifica sua experiência de existir, percebendo além das fronteiras aparentes. Algo a não ser narrado, mas experimentado e que o próprio autor tentou descrever assim:

“Entre outras coisas em que não chegou a acreditar, percebeu e compreendeu que o Cosmo não é matéria morta e sim uma Presença viva; que a alma do ser humano é imortal; que o universo é tão bem estruturado e ordenado que, sem qualquer possibilidade de erro, todas as coisas trabalham juntas para o bem de cada uma delas; que o princípio fundamental do mundo é o que chamamos de amor e que a felicidade de cada um é a longo prazo absolutamente certa.” (BUCKE, 1996, pág. 43)



Tal fenômeno equivaleria ao que as mais diversas correntes místicas definiriam como iluminação (WHITE, 1997). Estado de percepção de que estamos todos ligados e funcionando em harmonia com uma vontade, que ao mesmo tempo é a vontade de todos e uma vontade maior: transcendente.

Para além do misticismo, Bucke descreve a consciência cósmica como um estado a que o ser humano evoluirá naturalmente assim como evoluiu um dia de uma consciência simplista para a autoconsciência.

Porém não é interesse deste artigo navegar em águas turvas, mas traçar um paralelo entre o fenômeno descrito por Bucke e a prática observada na Oficina Experimental de Cinema Digital do CECO Taboão, pois os trabalhos relacionados aos cuidados com os mentalmente transtornados vêm se valendo cada vez mais de diferentes práticas e olhares, intersetoriais e multiprofissionais (AMARANTE, 2008).

Segundo Lopes (2015), em um Centro de Convivência, o conceito de “nós” é diferente do conceito de eu e o outro:

“(…) implica como um abraço probiótico que mistura perfumes dos corpos distintos quando esse abraço se dá.” (LOPES, 2015, pág. 28)

Quando nos percebemos borrando fronteiras (TAMIS, 2016) entre arte e saúde, publico e privado, são e insano, cidadania e exclusão, sonho e realidade, convém questionar se as fronteiras realmente existem ou se são mera reação à inconsciência de um sistema maior. De fato, como equipamentos e sistemas que deveriam funcionar em rede, percebemo-nos como desbravadores deste estado de consciência maior, não criando um monstro, mas trazendo luz para as possibilidades existentes, amadurecendo e evoluindo na prática de saúde mental: expandindo consciências.

“No mito, Narciso se apaixona por sua imagem refletida, apartando-se da verdadeira noção de si, a ponto de desfalecer. A imagem é um recorte do aspecto retratado. Seja às margens de um lago, diante do espelho, em uma fotografia ou em vídeos nas mídias sociais, a imagem é apenas uma fração, incapaz de comportar a majestade do ser. Mas a mente é limitada e seu funcionamento exige o fracionamento. O Ego é essa parte da mente que toma decisões a partir daquilo que consegue perceber. Pautado pelos cinco sentidos e pelos conceitos transmitidos socialmente, dirige nossa percepção e nosso entendimento. A partir de partes, deduz o todo, estabelecendo padrões que preenchem com crenças as lacunas perceptivas. Por não se perceber em plenitude, gera equívocos.” (GUENTHER, 2024, págs. 62-63)

O narcisismo é natural em parte de nossa infância. Conforme crescemos, nem todos amadurecem emocionalmente ou desenvolvem o senso de comunidade. O ego é a fronteira invisível que nos separa do todo. Experiências em grupo e gestações coletivas são



oportunidades de permear essa fronteira, multiplicar perspectivas e expandir consciências. Mais que se ver no outro, é possível ver Deus em si através do outro. A combinação das subjetividades permite criar multiversos de possibilidades:

“Deus é a abrangente Verdade incognoscível para a mente humana. Como a taça que é incapaz de abarcar toda água do oceano, para vislumbrá-lo há que se transcender a mente.

Porém, seguindo o princípio da correspondência, pela parte podemos deduzir o todo. Por analogias, como nos ensina Hermes, permitindo-nos surpreender com o desconhecido a partir da ciência do que nos é conhecido, espiamos Deus pelo buraco da fechadura em nosso próprio peito. Esta abençoada percepção se evidencia na língua portuguesa, quando abstraímos o pronome “EU” da parte central da palavra “DEUS”. O “Eu” está em D(EU)S. Se abstrairmos mais, percebemos Deus como vetor ou força que leva o “Eu” ao infinito.” (LOBO, 2021, pág. 77)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como oficineiro, vi sonhos se tornarem filmes, vi o impossível manifestar-se em arte. Transformei-me e vi pessoas se transformarem. Maldita é a palavra que limita a expressão do homem. Bendita é a palavra que transmite sensações, pensamentos, sentimentos. Que este artigo possa exalar ao menos uma fragrância do que representaram esses oito anos de oficina. O que a mim hoje é óbvio, sofro em sintetizar neste artigo: somos todos um, mas grande parte do sofrimento humano está em crer que existimos isolados.

Quando percebemos mais de nós e dos outros, transformados ao longo do projeto, concluímos que tal experiência proporcionou a abstração do EU como manifestação espontânea do processo de transcendência da ilusão de separação determinada pelo ego analítico humano. Mais que promoção de saúde ou inclusão social, experiências coletivas de arte e convivência podem ser catalisadores da grande “re-união” ou da dissolução do que Helena Blavatsky chamava de ilusão da separatividade. As fronteiras se borram, num prenúncio do fenômeno de consciência cósmica. Afinal:

“Existimos mutuamente, somos membros uns dos outros. A consciência é um vasto oceano e ninguém é uma ilha. Nós nos encontramos e nos fundimos uns nos outros. Não há fronteiras. Todas as fronteiras são falsas.” (Tilopa em: OSHO, 2006, pág. 230)

REFERÊNCIAS

AMARANTE, P. **Saúde mental e atenção psicossocial**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

ARAUJO, A. F. O monstro de Frankenstein: uma leitura a luz do imaginário educacional. **Revista temas em educação**, v. 23, n. 1. João Pessoa: jan.-jun. 2014. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/viewFile/18790/11416> . Acesso em: 27 out. 2016.



ARONOVICH, T. **Fazendo Cinema**, São Paulo: Editora Criativo, 2014.

BERLINER, Roberto. **Nise: No Coração da Loucura**. Filme. Imagem Filmes, Brasil, 2016.

BLOG DO CECO TABOÃO, **Blog do Centro de Convivência e Cultura de Taboão da Serra**, O que é o CECO???, postagem de 01/03/2010, disponível em:
<https://cecotaboao.blogspot.com/2010/03/o-que-e-o-ceco.html>, Acesso em 07/08/2025

BRANDÃO, J. S. **Mitologia Grega vol. III**. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

BRASIL, **PORTARIA SAS/MS Nº 396, DE 7 DE JULHO DE 2005**, Diário Oficial da União; Poder Executivo, Brasília, DF, 8 jul. 2005. Seção 1, p.60-61, disponível em:
<https://www.cremesp.org.br/?siteAcao=BibliotecaLegislacao>, Acesso em 07/08/2025

BUCKE, R. M., M.D. **Consciência Cósmica**. Paraná: AMORC, 1996.

CANAL SAÚDE NA ESTRADA, Fiocruz. **SP: Taboão da Serra e Campinas**, programa exibido em 05/10/2015, disponível em:
https://youtu.be/0ISb4sevmqA?si=ySp2ns8xq4FY9_W3 , Acesso em: 07 out. 2025.

CECO Taboão, Canal de vídeos. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/cecotaboao> , Acesso em: 07 out. 2025.

DIONISIO, G. H.; YASUI, S. Oficinas expressivas, estética e invenção. In: AMARANTE, P.; NOCAM, F. (Org.). **Saúde mental e arte: práticas, saberes e debates**. São Paulo: Zagodoni, 2012, p.53 – 65.

FONSECA, E.; GUENTHER, R. **Oficina Experimental de Cinema Digital do Centro de Convivência e Cultura de Taboão da Serra**, In: V Prêmio David Capistrano de Experiências Exitosas na Área da Saúde 2015. Boletim do Instituto de Saúde, Vol. 16, sup., novembro de 2015, p.37 - 40. Disponível em: http://www.saude.sp.gov.br/resources/instituto-de-saude/homepage/bis/pdfs/bis16suplemento_web.pdf . Acesso em: 27 out. 2016.

GUENTHER, R. **Autoestima: seja responsável pela sua felicidade!**, São Paulo: Scortecci, 2024

HARRISON, Jonh Kent. **Beautiful Dreamers**. Filme, NFB, Canadá, 1990.

LATIN AMERICAN FILM INSTITUTE. **Site institucional**. Disponível em:
<http://lafilm.com.br> Acesso em: 27 out. 2016.

LIMA, J. L., **Cinema e transformação social: variações sobre uma relação tensa**, Trabalho de Conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2006, p. 5 e 6, disponível em:
<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/1508/1/JLima.pdf> , Acesso em 07/08/2025

LOBO, I. **Aos que buscam a verdade**, Maringá: Viseu, 2021

LOPES, I. C. **Os Centros de Convivência e a Intersetorialidade**. In: Centros de Convivência e Cooperativa, Cadernos Temáticos, São Paulo: CRP - SP, 2015, p.27 - 31.



MASCARELO, F. (org.). **A história do cinema mundial**, Campinas (SP): Papirus, 2006.

OFICINA DE CINEMA DO CECO TABOÃO. **Blog da Oficina Experimental de Cinema Digital do Centro de Convivência e Cultura de Taboão da Serra - SP**. Disponível em: <http://cinececo.blogspot.com.br> . Acesso em: 27 out. 2016.

OSHO. **Tantra, a Suprema Compreensão**, São Paulo: Cultrix, 2006.

PRÊMIO celebra arte, cultura e trabalho na Saúde Mental. Conselho Federal de Psicologia, Brasília, 2016. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/premio-celebra-arte-cultura-e-trabalho-na-saude-mental> , Acesso em 07/08/2025

SEIXAS, R. **Prelúdio**. Música, álbum: Gita, Lado B, Faixa 4. Gravadora: Philips, Brasil, 1974.

TAMIS, P. Rede dos Fazedores de Arte na Atenção Psicossocial, artigo apresentado durante a mesa “**Arte, Cultura e Saúde Mental**”. In: 5º Congresso Brasileiro de Saúde Mental. São Paulo: ABRASME, 2016.

VIEIRA, W., M.D. **Projeciologia: Panorama das Experiências Fora do Corpo Humano**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia, 1999.

WHITE, J. (org.). **O mais elevado estado da consciência**. 10ª edição, São Paulo: Editora Cultrix/Pensamento, 1997.